

O pólo das pedras preciosas

por Alexandre Pinheiro
de Brasília

Um projeto audacioso quer transformar Brasília no caminho das pedras preciosas e coradas do país — diamantes, esmeraldas, turmalinas e cristais, entre outras. A partir de uma idéia nascida há 15 anos na Associação Comercial do Distrito Federal, inaugura-se no início do ano o Tower Gem Center. A pompa do nome tem sua razão de ser: em pleno coração da cidade, instalado no antigo restaurante panorâmico da torre de televisão, de onde se enxerga toda a geografia do poder da capital federal, o centro contará com um laboratório de gemas e metais preciosos, um museu nacional de gemas e jóias e uma feira permanente que comercializará jóias, gemas e bijuterias.

O Tower Gem Center funcionará como uma vitrina do projeto que pretende tornar Brasília o maior pólo de gemas do Brasil. Para isso, seus idealizadores querem implantar na cidade um setor industrial de jóias e gemas, um centro de formação de recursos humanos e uma Feira Internacional anual, a Expogema. As metas do projeto também são ambiciosas: criar 1.500 empresas e 20 mil empregos, ampliar o fluxo de turistas que visitam a capital e abocanhar 10% do mercado nacional e 15% das exportações do setor.

“O Brasil exporta cerca de US\$ 2 bilhões em gemas e pedras por ano, mas a maioria é vendida em estado bruto”, afirmou José Luiz Passos, superintendente do Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (Sebrae) no DF, um dos integrantes do projeto do pólo. Segundo ele, um dos principais desafios do pólo é fazer com que as empresas do setor agreguem mais valor aos seus produtos antes de exportá-los.

Apesar de Brasília não ser produtora de gemas — a produção nacional se concentra em Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Goiás — Passos acredita que a cidade pode-se consolidar como centro comercial e industrial do setor explorando um aspecto não desenvolvido no país: a griffe de desenhos para jóias. “A Itália domina o mercado mundial de jóias sem produzir uma pedra preciosa”, argumentou.

“Os joalheiros brasileiros querem aproveitar ao máximo o tamanho das pedras, quando o comprador internacional está muito mais preocupado com a qualidade do que com as dimensões”, diagnosticou Passos. Para sanar essa deficiência é que entra em cena o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e a Universidade de Brasília (UnB), outros dois parceiros do projeto. O primeiro vai capacitar pessoal para a atividade de beneficiamento e lapidação em escala industrial. A UnB, através do Centro de Desenvolvimento Tecnológico (CDT), uma incubadora de empresas, vai incentivar o seu Departamento de Desenho Industrial a formar profissionais capazes de criar griffes para as jóias.

Na opinião dos idealizadores do pólo, a posição geográfica da capital federal também ajuda. “Brasília é privilegiada porque é equidistante dos principais

centros produtores de gemas”, defende Flávio Reinehr, presidente da Cooperpergema, outra parceira do projeto. A Cooperpergema é uma cooperativa criada em 1989, com 40 sócios e mais de 150 usuários no País, que será responsável pela

feira permanente do Tower Gem Center. Para facilitar a venda das jóias brasileiras, a cooperativa vai contar com o apoio dos seus representantes na Coreia, França, Estados Unidos e Japão e de contatos para vendas no Oriente Médio. Além disso,

um outro parceiro do pólo, o Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos (IBGM), vai facilitar as vendas, certificando e dando registros de origem a todas as jóias e gemas comercializadas no Tower Gem Center.